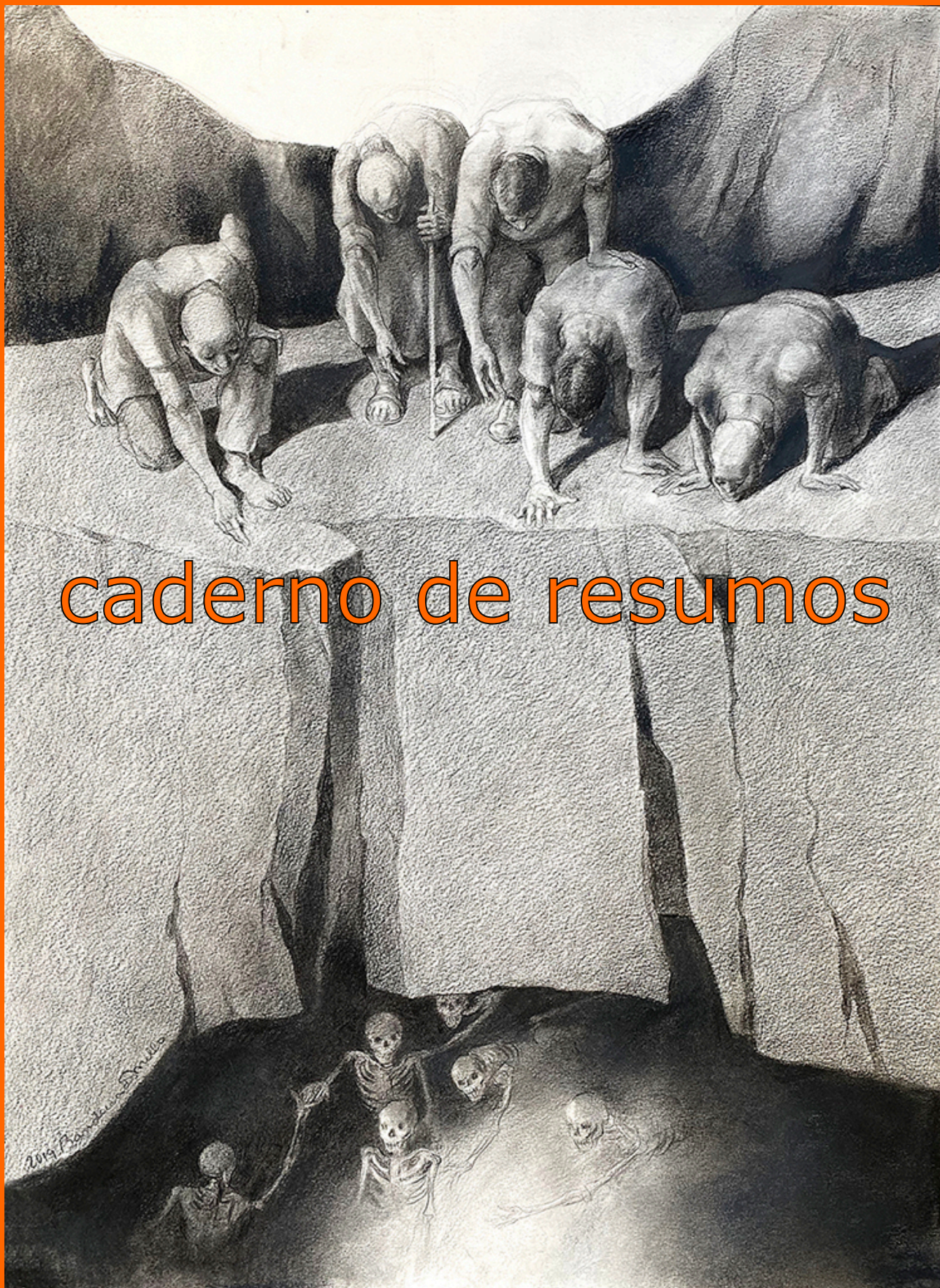


ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS



caderno de resumos



Imagem:

Lydio Bandeira de Mello

Leopoldina MG 1929. Vive no Rio de Janeiro – RJ.

Sem título, 2019

Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm

Acervo Lydio Bandeira de Mello.

Crédito Fotográfico: Rafael Bteshe.

41º. Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

caderno de resumos

Evento virtual

2021



41º Colóquio do Comitê Brasileiro de
História da Arte

23 a 27 de novembro de 2021

Arte em
Tempos Sombrios



41º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE: *ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS*

Evento virtual

23 a 27 de novembro de 2021

Diretoria do CBHA (Gestão 2020 - 2022)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU) – Presidente

Neiva Bohns (UFPeL) – Vice-Presidente

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ) - Secretária

Arthur Valle (UFRRJ) - Tesoureiro

Comissão de Organização

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA) Neiva Bohns (UFPeL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

Comitê Científico

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brittes (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPeL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

Equipe de Produção

Coordenação geral

Rogéria de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Coordenação das equipes

Martha Werneck de Vasconcellos (EBA-UFRJ)

Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV-EBA-UFRJ)

Debora Camilo dos Santos

Gabriel Pereira

Licius da Silva

Paulo Cesar Holanda

Bacharelado de História da Arte (EBA-UFRJ)

Carlos Henrique de S. Fernandes

Caroline de Castro Miranda

Julia Poina

Lorena Kock Nascimento

Lucas Gibson



ASFIXIAS DA VIOLÊNCIA HISTÓRICA NA GEOGRAFIA DE UMA CIDADE. AS DENÚNCIAS DE UMA ARTISTA

MÔNICA ZIELINSKY ¹

¹ UFRGS / CBHA / monicazi@terra.com.br

Este estudo parte de um momento em que se rasgam os tempos. Dos fluxos do presente ao passado e do passado ao presente, descobrem-se tempos sombrios em um constante anacronismo. Evoca-se, a partir da surpreendente atmosfera autoritária das condutas políticas do Brasil hoje, também um passado fortemente dramático, aquele relativo a uma história esquecida da cidade de Porto Alegre, como se esta história nunca houvesse realmente existido. Neste lugar, tal como um sítio que viu soterradas muitas de suas memórias culturais, históricas e institucionais, alastrou-se a asfixia de inúmeros sofrimentos, tais como o esquecimento de quase duas décadas de traumas intermitentes, da angústia frente à brutalidade das perseguições e prisões, das tantas fugas e torturas, mas sobretudo do legado silencioso de dolorosas mortes. Em sua base, erigia-se o mais violento poder opressivo, nutrido pelo desrespeito aos direitos humanos e à democracia. A violência de um passado político ditatorial dilata-se e parece “contaminar o presente”, ao oferecer, em nossos dias, possíveis analogias com fatos passíveis de seu reconhecimento cada vez mais presente na vida brasileira hodierna.

Este contexto vem a ganhar vida pela obstinada criação da artista Manoela Cavalinho (Porto Alegre, 1981), alguém profundamente amargurada por esta amnésia histórica, quando seu inconformismo explode com vigor e violência, ao transgredir, entre as superfícies da cidade, o silêncio de todos os fatos. Em seu repúdio à amnésia, denuncia ao mundo a violência subterrânea dos acontecimentos, através de pequenas epígrafes calcadas sobre os lugares da história em Porto Alegre.

Rompe com isso, os segredos do passado dispersos na geografia urbana. O espaço, em meio ao trabalho de Manoela, traz, ao contrário, através desses marcos fundamentais dos fatos, a representação da história, da vida e do mundo real desta urbe. Dela são arrancadas a política e a própria vida, ao rasgar a artista, com ousadia, a imobilidade e os apagamentos da memória que a constituíram e ainda permanecem fortes, desde os longos tempos de sua modelagem cultural.

A produção artística de Manoela acontece quase sempre em lugares públicos e de um modo visivelmente ágil, pois tenta evadir-se de possíveis apreensões da parte de vigilantes de instituições ou de espaços conflitantes, porém, ao mesmo tempo, protege-se frente a possíveis contaminações pela pandemia disseminada pelo mundo. Em tempos sombrios como os de hoje, contudo, Manoela imprime sua marca nesta cidade. E estende sua criação através da Internet, por meio de uma ampla difusão pública de seus trabalhos, através do Instagram. Por ele, estende, com valiosos resultados, sua comunicação pública. Percebe, por este

meio, a viva adesão de inúmeros outros criadores ou de pessoas vinculadas a outras áreas e interesses, por meio de suas trocas, afinidades comuns, investigativas e comparativas com outras realidades do mundo social.

Na criação de Manoela Cavalinho, este tipo de performatividade poderá incentivar ricamente a reconstituição de formas plurais de atuação e de práticas sociais de resistência, onde os tempos sombrios da extrema violência podem se transfigurar, de maneira oposta, em uma enriquecedora colaboração, distinta da fusão ou da confusão alucinatória das massas nas ruas.

PALAVRAS-CHAVE:

1. Violências históricas e a arte. 2. Apagamentos da memória na arte. 3. Manoela Cavalinho. 4. Epigramas na cidade

IMAGENS:



MANOELA CAVALINHO: *Série Epigramas - Palácio da Polícia, 2020.*

Fotografia digital, 30 x 47 cm. Acervo da artista.

Fonte: Manoela Cavalinho.



MANOELA CAVALINHO: *Série Epigramas - Av. Sepúlveda*, 2020.
Fotografia digital, 51 x 34 cm. Acervo da artista.
Fonte: Manoela Cavalinho.



MANOELA CAVALINHO: *Série Epigramas - Biblioteca Pública do Estado do RS, 2020.*
Fotografia digital, 34 x 51 cm. Acervo da artista.
Fonte: Manoela Cavalinho.